

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG

Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias

Contemporâneas - CEEAV

Vânia Parreiras Rezende Alves

ENSINO/APRENDIZAGEM DE INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS:

proposições para um olhar poético

Contagem

2020

Vânia Parreiras Rezende Alves

**ENSINO/APRENDIZAGEM DE INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS:
proposições para um olhar poético**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo La
Carretta Enrique Lopez da Cunha
Pereira

Contagem
2020

Alves, Vânia Parreiras Rezende.

Ensino/Aprendizagem de Instalações Artísticas: proposições para um olhar poético/ Vânia Parreiras Rezende Alves. – 2019.
52 f., enc

Orientador: Marcelo La Carretta Enrique López da Cunha Pereira (1979-).

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.
Referências: f. 48-50

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. Pereira, Marcelo La Carretta Henrique Lopez da Cunha. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707

Nome: **VÂNIA PARREIRAS REZENDE ALVES**

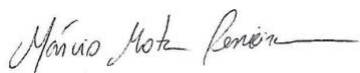
**ENSINO/APRENDIZAGEM DE INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS: PROPOSIÇÕES
PARA UM OLHAR POÉTICO.**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**



Professor Marcelo La Carreta Enrique Lopez da Cunha Pereira – CEEAV/ EBA/ UFMG - Orientador



Professor Márcio Mota Pereira – CEEAV/ EBA/ UFMG – Membro da Banca Examinadora



Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 1º de março de 2020.

Resumo

Esse artigo de monografia tem como foco reflexões de minhas pesquisas e vivências enquanto professora/pesquisadora em ensino de arte, especificamente sobre proposições metodológicas para o ensino/aprendizagem de Instalações Artísticas. O estudo apresenta o conceito dessa expressão artística e um diálogo entre as abordagens metodológicas de Ana Mae Barbosa, Abordagem Triangular, e Arthur D. Efland, Cognição Imaginativa; que nortearam a elaboração de minhas proposições didáticas para o ensino/aprendizagem de Instalações Artísticas Contemporâneas para os anos finais do Ensino Fundamental, além de uma breve análise sobre essa mediação na Escola Municipal Raul Saraiva Ribeiro em que leciono, em Betim.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais; Instalações Artísticas; Proposições Metodológicas.

Abstract

This monograph article focuses on reflections of my research and experiences as a teacher / researcher in art teaching, specifically on methodological proposals for teaching / learning Artistic Installations. The study presents the concept of this artistic expression and a dialogue between the methodological approaches of Ana Mae Barbosa, Triangular Approach, and Arthur D. Efland, Imaginative Cognition; that guided the elaboration of my didactic proposals for the teaching / learning of Contemporary Artistic Installations for the final years of Elementary Education, in addition to a brief analysis of this mediation at the Municipal School Raul Saraiva Ribeiro where I teach in Betim, Brazil.

Keywords: Teaching of Visual Arts; Artistic Installations; Methodological Propositions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	9
Capítulo 1 - INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS -----	10
Capítulo 2 - METODOLOGIAS PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM -----	20
2.1 - O uso de tecnologias contemporâneas-----	25
Capítulo 3 – PROPOSIÇÕES PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DE INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS -----	31
3. 1 - O Ensino Aprendizagem-----	35
CONCLUSÃO -----	45
REFERÊNCIAS -----	48
ANEXO A – Autorização de uso do nome da instituição -----	51
ANEXO B – Autorização de uso de imagem da instituição -----	52

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: <i>Ttéia 1C</i>	14
Imagem 2: <i>Vídeo Fish</i>	15
Imagem 3: Atrator Poético	16
Imagem 4: Cartazes sobre as árvores da escola	37
Imagem 5: Cartaz digitalizado: Abacateiro	37
Imagem 6: The Physical Mind	38
Imagem 7: Simulacra	38
Imagem 8: Be Boy Be Girl	39
Imagem 9: Swing	39
Imagem 10: Cajados, Bastões ou Tóteis	41
Imagem 11: Eu desejo o seu desejo	42
Imagem 12: Eu desejo o seu desejo	43
Imagem 13: Eu desejo o seu desejo	43

INTRODUÇÃO

Esse estudo apresenta como objeto de análise o Ensino/Aprendizagem de Instalações Artísticas no Ensino Fundamental, com o intuito em dialogar sobre sua conceitualização, sobre abordagens metodológicas e com as proposições pedagógicas elaboradas e desenvolvidas, post-mortem, com os adolescentes de 11 e 12 anos.

O interesse por esse tema surgiu pelas possibilidades que esta expressão artística oferece e de como o seu diálogo ou imersões envolvem os alunos em vivências e reflexões vastas, sejam visuais, corporais, sonoras ou virtuais, ampliando seus conhecimentos artísticos, desenvolvendo sua autonomia, potencializando suas experiências e interagindo, em muitos casos, com recursos midiáticos com os quais os alunos se identificam. Além das instalações artísticas estarem cada vez mais presente em exposições e em centros culturais acessíveis aos mesmos.

Explorando dessa forma uma das habilidades exigidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental, no componente curricular Arte, na unidade temática Artes Integradas, do 6º ao 9º ano: “Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável.” (BRASIL, 2018, p. 209)

Nesse artigo a definição dessa prática artística, a instalação, e as reflexões de como sua difusão e o seu acesso cada vez mais frequente dialoga com as mudanças da contemporaneidade, serão embasadas em estudos feitos por Oliver Grau (2007), Suzan Sontage (2016), Cristina Freire (2015), Franciele Santos (2009), Maria Celeste Wagner (2019), Milton Sogabe (2006, 2008) e outros contemporâneos. Também discorro no Capítulo 1, sobre artistas que utilizam essa expressão e de como essa prática vem dialogando com as inovações tecnológicas e mudanças contemporâneas; criando objetos, experiências e imersões que ampliam a fruição e as vivências artísticas.

No Capítulo 2 o texto abarca reflexões sobre o ensino/aprendizagem em Arte a partir de pensamentos de estudiosos como: Ana Mae Barbosa (1998), Arthur D. Efland (2005), Lucia Gouvêa Pimentel (2006, 2007, 2008, 2011, 2015, 2017),

Geraldo Freire Loyola (2016) e outros. Desenvolvendo uma argumentação que evidencia a necessidade de se trabalhar com essa prática artística e fornecendo embasamento teórico sobre o processo de ensino/aprendizado de arte, auxiliando o desenvolvimento de competências e habilidades específicas desse conteúdo.

O relato das proposições didáticas elaboradas para o ensino/aprendizagem de Instalações Artísticas serão exemplificadas, no Capítulo 3, a partir das experiências e condições ofertadas pela escola (espaço físico, recursos, tempo, ...) na qual leciono em Betim e da programação de alguns espaços culturais visitados durante esse período, que geraram expectativas, reflexões e avaliações sobre a viabilidade destas ações.

No qual as proposições elaboradas potencializaram experiências sensíveis/cognitivas em Arte através do protagonismo juvenil e de um olhar crítico, mas ao mesmo tempo poético, sobre o uso dos recursos midiáticos e das relações que se estabelecem, sejam com o outro à distância, com o colega presente ao seu lado e com o próprio eu.

A importância dessas vivências na construção de nossa memória, as reflexões sobre essas proposições e a possibilidade de novas proposições elaboradas a partir dessas experiências estão relatadas na Conclusão.

Busco através da articulação entre teoria/ação/reflexão elaborar proposições de vivências artísticas significativas em Arte Contemporânea, especificamente, no ensino/aprendizagem de Instalações Artísticas; e assim contribuir na divulgação e no registro do pensamento do professor/pesquisador que poderá auxiliar na construção de futuras proposições no processo de ensino-aprendizado em arte. Pois, como relata Lúcia Gouvêa Pimentel (2001), “o registro e a divulgação da prática do professor são pontos importantíssimos para o avanço da construção de conhecimentos na área de ensino de Arte.” (PIMENTEL, 2011, p.766)

Enfim, procuro demonstrar que ao elaborar proposições didáticas embasadas, mesmo que em uma única expressão artística, essa amplia e favorece o desenvolvimento de múltiplas habilidades sensíveis/cognitivas em arte, desde que embasadas em conceitos que ampliam as vivências escolares e em abordagens de aprendizagem sólidas, eficientes e contemporâneas.

Capítulo 1 - INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

A incessante vida contemporânea com seus tempos programados, definidos e preenchidos com obrigações, resultados e interatividade nos restringe o olhar, o fruir. A busca pelo silêncio, pela percepção e da reflexão encontra auxílio e morada no mundo artístico. Através da arte percebemos o que nos cerca, em um outro tempo, onde as múltiplas experiências sensoriais permitem uma compreensão cognitiva e estética significativa, que nos marca e que nos modifica. Mesmo a arte sendo fruto da intensidade da vida e das relações mercadológicas, nos possibilita desenvolver habilidades sensíveis/perceptivas/cognitivas que dialogam com o eu e o mundo.

Charles Baudelaire já percebe essa relação e descreve de forma poética que “este novo mundo pedia um novo olhar, urgente e necessário para este também novo homem, para que assim ele buscasse se entender frente a tantas transformações.”¹. Dessa forma, a partir desses diálogos proporcionados pela arte, articulamos processos mentais que nos permitem compreender nosso entorno, desenvolver nosso senso crítico e agir/interagir nesse cenário da vida/arte contemporânea; que envolve relações com o espaço, com o tempo, com o outro e principalmente com o objeto artístico diferentemente das relações vividas até então pelo modernismo.

A arte contemporânea não busca mais uma ruptura ou o novo, o objeto artístico busca dialogar com as concepções, as transformações e a acessibilidade dessa nova forma de consumir, ou seja, usufruir arte, que se adequou às mudanças comportamentais, sociais, políticas, econômicas e sensoriais da população contemporânea. O objeto artístico perdeu sua aura (inatingível ou acessível à poucos) para se tornar um suporte para uma ideia ou uma proposição que convida à todos. Humberto Carvalho (2015) nos relata sobre esta nova relação:

O artista, na contemporaneidade, já não é entendido e visto como um ser excepcional, com o qual os demais não poderiam se comparar, ele é um homem como os outros; as obras de arte – as proposições artísticas – podem ser pensadas para serem executadas por qualquer um em qualquer momento; o artista é o articulador – o propositor – mas não obrigatoriamente o executor.

¹ Charles Baudelaire *apud* URBIM, Luciana Pastorini. *Um olhar flâneur sobre a cidade literária em “Satolep”*, (FURG). Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-3970198-8/Trabalhos/60.pdf>>. Acesso em: 10/06/2018

Com a proximidade das realidades vividas pelos indivíduos, a arte cria um simulacro de envolvimento que suspende, mesmo que apenas por uns instantes, a realidade cotidiana, levando a experimentação para o campo do simbólico, que parte de uma outra realidade, a da ficção, ainda que muitos artistas trabalhem outros aspectos mais tradicionais. Em uma analogia, é como se o fruidor fosse o espectador, o ator e o diretor de um filme que lhe é proposto e apresentado pelo artista. A necessidade de negociação entre obra, artista e fruidor constitui fator altamente relevante na arte contemporânea. (CARVALHO, 2015, p. 17-18)

Sendo assim, a visão que se tem do artista ou do público/espectador se modificou, o público deixou de ter uma fruição puramente retiniana, para ser agente. A arte contemporânea se aproxima da vida, do cotidiano, dos estudantes. Favorece um diálogo e uma troca de agência importante e acessível aos nossos alunos (adolescentes), pois a partir dessa relação abstraem e concretizam em um intercâmbio da imaginação, de informações, de ações e de reflexões, através de vivências significativas de aprendizagem.

Dentre as práticas artísticas contemporâneas encontramos a instalação, que se apresenta como um vasto campo para o exercício e busca desse olhar poético e de experiências sensíveis/cognitivas a serem exploradas em sua materialidade, concepção e fruição.

De acordo com Nereide Rosa (2012, p. 338): “Instalação é a arte espacial com construções e montagem de materiais, permanentes ou temporários que permitem a interatividade com o espectador.” Dessa forma, mesmo utilizando materiais tradicionais na arte, como óleo sobre tela e mármore, propõe outros significados e relações com o espaço, construindo uma composição que permite uma relação/agência com o fruidor.

Nas instalações, o ambiente inteiro se torna a obra e o espaço que o público possui para se movimentar é o espaço da própria obra. A presença do público dentro do espaço da instalação possibilita uma vivência sensorial e conceitual diferenciada de acordo com o seu deslocamento físico e com o seu contato visual, tátil ou sonoro com os elementos presentes. (SOGABE, 2008, p.1984)

Assim, a instalação modifica, acrescenta e interage com o espaço urbano ou natural, onde são abordados conceitos relativos à função, à natureza e a relação da arte em seu contexto. Procura dialogar com o público e surpreendê-lo, geralmente criando formas de interação, imersão, vivência ou provocação para que as pessoas reflitam sobre a arte e a sociedade.

As instalações acompanharam as mudanças advindas da vida contemporânea na arte, assim, suas construções/elaborações, proposições e imersões se adequaram às mudanças comportamentais e aos avanços tecnológicos. Descrevo algumas destas mudanças: em sua definição como modalidade artística na década de 70, segundo Milton Sogabe (2008), o ambiente das instalações nesta época era composto de objetos tridimensionais, imagens (como pinturas, fotografias, impressões) ... e o público, sua interação provinha muitas vezes, das relações visuais e/ou sonoras com este espaço. Posteriormente, com a efervescência da videoinstalação, a imagem em movimento ganha destaque no ambiente da instalação e a atenção do público, que interage através de imersão (som, luz, movimento) provocada por este espaço. E atualmente, com o desenvolvimento de softwares, o espaço da instalação permite uma interação entre imagem "inteligente" e o público, podendo desaparecer os objetos tridimensionais e, às vezes, até o próprio espaço da instalação onde a imersão se dá no ciberespaço; dessa forma, o ambiente virtual pode até oferecer ao interator, de acordo com a intenção dos propositores/artistas e dos equipamentos utilizados, um ambiente virtual que proporcionam experiências sonoras, físicas, táteis e sensoriais.

Como exemplos dessas mudanças na organização e na relação entre os elementos composicionais de uma instalação, foram selecionadas para este primeiro capítulo obras que se relacionam com cada fase citada acima. A obra de Lygia Pape, *Ttéia 1C* – 2002, imagem 1; a obra *Vídeo Fish* - 1975 de Nam June Paik, na imagem 2; e a instalação interativa *Atrator Poético* - 2005 de Fernando Fogliano, Rosangela Leote, Milton Sogabe, Renato Hildebrand (Grupo SCIArts2005) e Edson Zampronha, na imagem 3².

A instalação *Ttéia 1C* – 2002 feita por Lygia Pape, se concretiza a partir de questionamentos, estudos e experiências realizados desde 1977, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage onde desenvolvia proposições com seus alunos a partir de fios esticados em meio a natureza. E em Inhotim recebe um prédio inteiro para proporcionar uma imersão nesse ambiente.

² As obras citadas não se apresentam em ordem cronológica, pois se organizam como exemplos do uso da materialidade e concepção ao longo de suas mudanças históricas até o momento.

Imagem 1: Foto da Instalação *Ttéia 1C* realizada por Lygia Pape em INHOTIM, 2002



Fonte: Site do Instituto Inhotim.

Inteiramente vedado e geométrico, o prédio é quase um templo: retira o visitante de um mundo exterior, da luz do dia e dos lindos jardins do parque, e leva para um mundo interior, que convoca à introspecção. Na sala completamente escura, está a *Ttéia*: fios dourados dispostos no sentido vertical e perpendicular, iluminados por focos de luz, que, aqui e ali, ressaltam essas formas no espaço. À primeira vista, eles parecem flutuar, ou dissolver-se. O visitante é induzido a circundar a obra, que, gradual e sutilmente, revela novos feixes de luz. ...Os fios da *Ttéia* ocupam e reinventam espaços, criando volume. Assim, ignoram as fronteiras entre o real e o imaginário. Eis o efeito surpreendente da obra. É como se a linguagem geométrica finalmente saísse do papel e ganhasse vida, existisse de forma singular para cada observador que a contempla.

³

Nessa instalação encontramos como materialidade os fios metalizados, os holofotes de luz e a construção arquitetônica. A imersão do público acontece através do caminhar ao redor deste ambiente e das relações sensíveis/poéticas que esta ação provoca.

³ NICOLIELO, Bruna. *O templo de Lygia Pape #Ensaio1nfini0*. Blog do Inhotim. 27 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.inhotim.org.br/blog/o-templo-de-lygia-pape/>>. Acesso em: 08/09/2019.

Outro exemplo de instalação que se adapta às transformações contemporâneas, são as instalações produzidas por Nam June Paik, entre elas a obra *Vídeo Fish* em 1975.

Imagem 2: Foto da Instalação *Vídeo Fish* realizada por Nam June Paik, 1975



Fonte: Site New Media Encyclopedia.

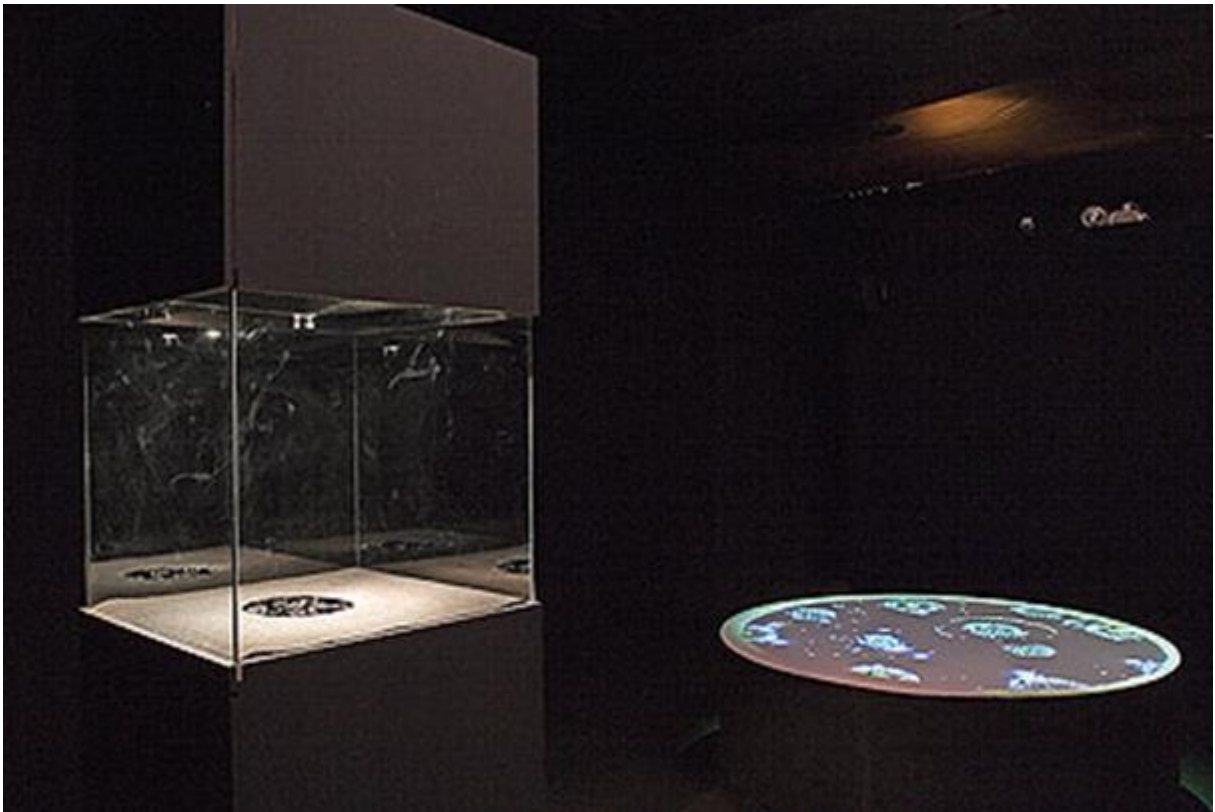
Vídeo Fish consiste em uma fileira de tanques de peixes com um monitor pressionado contra a parede de vidro de cada tanque. O vídeo dos peixes de Cunningham, visto através da água turva dos tanques de peixes, está desfocado, mas os peixes vivos nos tanques podem ter uma boa visão. Eles parecem interessados no vídeo. Ocasionalmente, um peixe nada para ver um espectador olhando para o balé. O confronto entre espectador e espectador, humano e peixe, é ecoado no vídeo de fundo dos Cunninghams virtuais e da dança de peixes.⁴

A videoinstalação é elaborada em um ambiente criado por diversos aparelhos de TV que mostravam imagens aquáticas distorcidas e a frente de cada aparelho de TV, se posiciona um aquário repleto de peixes vivos. O que permite ao visitante mais que olhar para um objeto estático, experimentando ao mesmo tempo a realidade natural e a artificial.

⁴ LONDON, Barbara. *Video-fish* 1979-1992. IN: New media Encyclopedia. Disponível em: <<https://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.newmedia-art.org/cgi-bin/show-oeu.asp%3FID%3D150000000011747%26lg%3DGBR&prev=search>>. Acesso em: 08/09/2019.

E como último exemplo, a instalação interativa da equipe de Milton Sogabe (o Grupo SCIArts2005) e Edson Zampronha, *Atrator Poético*. Uma proposição artística que se fez necessário a participação de diferentes especialistas para a construção de uma obra.

Imagem 3: Foto da instalação interativa *Atrator Poético* de Fernando Fogliano, Rosangela Leote, Milton Sogabe e Renato Hildebrand (Grupo SCIArts2005) e Edson Zampronha, 2005



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa105987/milton-sogabe>

A obra surge a partir da ação do público nesse espaço, onde se projeta imagens/desenhos luminosos de diferentes tamanhos que se movimentam e ao mesmo tempo criam sons que se modificam e se permeiam. Essa nova materialização do pensamento, poética e interativa vem se transformando à medida que se apropria do nosso cotidiano, como relata Milton Sogabe (2006):

A principal diferença é que não é o artista e o seu modo de produção que estão em foco, mas a conexão do seu modelo teórico com o trabalho artístico desenvolvido. Não se trata mais de criar metáforas para as quais se deseje uma correspondência formal, nem a localização dos símbolos dos seus pensamentos. Trata-se de uma postura conexa ao paradigma desse tempo que resulta em obra, onde os aspectos do conhecimento se apresentam intrínsecos

a ela, hibridizados segundo convergências específicas, mas principalmente, é uma obra que se resolve e apresenta no processo, que existe como sistema. (SOGABE, 2006, p.05)

Na instalação, não identificamos “o artista”, aquele responsável pela elaboração/construção conceitual e/ou física da obra como em outras expressões artísticas. Para elaborar a instalação, foi necessário a presença de estudos e especialistas de diversas áreas do conhecimento, a fim de proporcionar através da pesquisa de imagem, de luz, de som e a elaboração de softwares uma proposição que proporcionasse a imersão desejada.

As possibilidades de imersão do interator – aquele que interage junto a obra, a organização espacial e do ambiente concreto e/ou virtual se consolidam a fim de criar experiências cinéticas, corporais, visuais e sonoras únicas para cada indivíduo, que se abstraem em experiências imaginativas, sensíveis e cognitivas de fruição. Imersões possíveis devido aos avanços da tecnologia contemporânea, Suzan Sontag (1983) ao discorrer sobre fotografia já anuncia as possibilidades que esse recurso vem a oferecer e a diversidade de propostas que podem ser desenvolvidas a partir deste:

A exploração e a duplicação fotográfica do mundo fragmentam continuidades e distribuem os pedaços em um dossiê interminável, propiciando dessa forma possibilidades de controle que não poderiam sequer ser sonhadas sob o anterior sistema de registro de informações: a escrita.⁵

O desenvolvimento tecnológico e os avanços de multimídia e de softwares favoreceram a elaboração de obras híbridas, onde cada vez mais as diferentes técnicas e recursos físicos/virtuais estão presentes na produção e relação com a obra. Elas extrapolam os tradicionais meios e recursos como: pintura, desenho, escultura e gravura, proporcionando novas formas de fruir além de mera contemplação e admiração. Hoje nem os limites físicos e de espaço interferem na conceitualização, produção e fruição da obra.

O termo híbrido, advindo da ciência, é também utilizado na arte como nos diz Wanner:

Qual é a noção de híbrido? Esta é uma questão discutida tanto na arte como na ciência. Uma interpretação nos conduz a dispositivos de cruzamentos, num sentido de interpolação,

⁵ SONTAG, Susan. *Sobre Fotografias*. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Sobre-fotografia-Susan-Sontag.pdf>>. Acesso em 30/11/2019.

atravessamento, mutação; seguindo a ideia de substituição de uma coisa ou estado. De início a arte se apropriou do termo usado pela biologia para pontuar uma produção artística que se distancia do *modus operandi* aplicado ao pensamento estruturalista, passando a mesclar conceitos e práticas não habituais até então. Assim, a hibridização apresenta um efeito mais amplo do que seu significado primário: união de duas coisas. Desta forma, o que hoje conhecemos como híbrido são também agenciamentos presentes nos conceitos de desterritorialização, reterritorialização e território. (WANNER, 2010, p. 1530)

Essas obras articulam uma visão de mundo contemporâneo, onde os intercâmbios do ser humano com a máquina se fazem presente, como nas relações e inter-relações presentes no dia-a-dia: como na nossa forma de se comunicar, de se comprar, de se relacionar, de se apresentar e até de se comer. Estamos imersos em uma realidade concreta e física, em que o virtual e o digital fazem parte.

Além de se utilizar na concepção de instalações contemporâneas recursos híbridos, algumas também, são obras transitórias e ficam expostas apenas por um tempo e/ou, como algumas instalações são projetadas para certo ambiente, ao retirá-lo deste espaço, seu propósito se desfaz. Oliver Grau (2007) nos atenta às características dessas obras efêmeras:

Uma obra aberta, que depende da interação com uma audiência contemporânea, ou sua variante avançada, que segue a teoria do jogo (a obra é estabelecida como jogo, e os observadores, de acordo com os 'graus de liberdade', como jogadores), implica necessariamente que as imagens perderam sua antiga capacidade de ser memória histórica e testemunho. Em seu lugar, instaura-se um sistema técnico durável, que serve de estrutura a imagens transitórias, arbitrárias, não reproduzíveis e infinitamente manipuláveis. A obra como objeto único desaparece. (GRAU, 2007, p. 239)

A efemeridade tão presente nas instalações artísticas contemporâneas oferece uma história única, uma experiência que se desdobra à medida que a imersão acontece, são experiências estéticas raras que a memória guarda e que nos marcam, em que segundo Jorge Larossa Bondia (2002) nos passa, nos toca e nos transforma. Oliver Grau relata sobre a relação multifacetada e interligada do observador/agenciador e as imersões:

A despeito de ser um processo intelectual estimulante, a imersão, no presente como no passado, é em muitos casos mentalmente absorvente no desenrolar de um processo, de uma mudança, de uma passagem de um estado mental para outro. Ela é sempre caracterizada pela diminuição da distância crítica do que

é exibido e o crescente envolvimento emocional com aquilo que está acontecendo. (GRAU, 2007, p. 30)

A medida que a imersão ou interação em instalações artísticas se desenrola, o interator se percebe como agenciador de sua experiência e quanto maior é o envolvimento físico e emocional desprendido nesta relação, mais significativa ela se torna ao interator. Mensurar a qualidade, as sensações e/ou afetividade envolvidas neste processo se apresenta como uma discussão ampla e interessante, porém requer estudos para outra monografia, pois de acordo com a idade do agente, a disponibilidade física e emocional desprendida nesta imersão e a bagagem cultural, social e histórica intrincada e única de cada indivíduo, proporcionará significados e intensidades diferenciadas.

Portanto, as instalações artísticas se apresentam como uma expressão que através de sua linguagem dinâmica e interativa possibilita um diálogo atual com o dia-a-dia das pessoas. Sua diversidade de materialidade e relações com o espaço expositivo vem acompanhando o cenário contemporâneo e suas mudanças, oferecendo inúmeras possibilidades de recursos e técnicas, formando obras híbridas que unem o real e o virtual, o local e o global, o individual e o coletivo em vivências poéticas, estéticas e ao mesmo tempo únicas para cada indivíduo. Permitindo estabelecer ligações sensíveis entre o corporal, o visual, o sonoro e o cinético, exigindo do espectador uma postura ativa frente à obra, fruindo experiências significativas e reflexivas em arte.

Dessa forma, possibilitar o acesso às instalações artísticas e ao conhecimento contextualizado das mesmas, permite uma vasta e valiosa experiência sensível/cognitiva em arte, que interliga os conhecimentos práticos e teóricos em experiências significativas de aprendizagem. E ao professor/ pesquisador em arte, propiciar essas vivências artísticas através das instalações auxilia a fomentar a construção de conhecimentos em seus alunos e a sua imersão no mundo artístico, traz para perto da realidade conceitos que parecem abstratos e distantes de seu cotidiano.

Capítulo 2 - METODOLOGIAS PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM

Essa proposta vai ao encontro de uma pesquisa *em* ensino de arte, abarca o processo de ensino/aprendizagem de Instalações Artísticas, não se resume ao desenvolvimento de técnicas artísticas e sim a reflexão metodológica de como se ensina e como se aprende, onde o professor/pesquisador pensa, interage, elabora e reelabora suas proposições.

A pesquisa em ensino de arte é aquela cuja ênfase está no processo de ensino de arte, seus fundamentos e as reflexões sobre eles, sua prática e sua reflexão sobre ela. É o ensino de arte enquanto processualidade do ser, vinculado ao fazer e ao aprender/ensinar concomitantes, indissociáveis, interagentes e interativos. (PIMENTEL, 2006, p. 310)

O professor/investigador busca em sua inquietude pessoal ou em suas reflexões sociais, proposições didáticas estéticas/perceptivas e instigadoras que se materializam de forma concreta ou virtual em vivências artísticas de fruição, análise, contextualização e produção aos estudantes. Articulando o processo de ensino/aprendizagem através da reflexão, da autonomia e da experiência; instigando os alunos a pensarem diferentemente; provocando, mediando e estimulando o percurso próprio de cada aluno.

A elaboração dessa metodologia artística/investigativa busca pensar o processo, o resultado e as possibilidades acerca da arte, do fazer arte, do conhecimento sobre arte e de uma reflexão interna sobre o artista. A fim de embasar essas reflexões e a metodologia discurso sobre a abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e a abordagem do ensino da arte como Cognição Imaginativa de Arthur D. Efland, IN: Lúcia Gouvêa Pimentel; abordagens que propiciaram reflexões densas e formativas sobre o processo de ensino/aprendizagem e tornaram possível a elaboração da metodologia para o ensino/aprendizagem de Instalações Artísticas.

A Abordagem Triangular surgiu no começo do século XXI, elaborada por Ana Mae Barbosa após estudos sobre algumas reformas na educação: no México nas Escuelas de Pintura al Aire Libre (1920-1933), na Inglaterra com a Critical Studies (décadas de 70 e 80) e nos Estados Unidos com a (DBAE) Discipline Based Art Education (1982), constituindo o que chamou de Proposta Triangular.

Ana Mae Barbosa... Mostra-se preocupada com a democratização do conhecimento da arte (isto é, com a

necessidade de assumirmos o compromisso de ampliar o acesso da maioria da população aos domínios estéticos e artísticos) ... ênfase que faz na recuperação histórica do ensino da arte, para que se possam perceber “as realidades pessoais e sociais, aqui e agora, e lidar criticamente com elas”.

Proposta Triangular...tem por base a conexão de três facetas do conhecimento em arte – o fazer artístico, a análise de obras artísticas e a história da arte. (FERRAZ, 2009, p. 59 e 60).

Em sua proposta, o conhecimento em arte é desenvolvido através de três ações cognitivas de aprendizagem: a contextualização, o fazer artístico e a leitura de obras de arte. As ações não são isoladas, dessa forma, uma complementa a outra. Articulado estas três facetas o educando estabelece conexões, amplia seu repertório e ressignifica sua aprendizagem através de processos mentais que se interligam. A seguir discorro sobre cada uma destas ações, iniciando com a contextualização:

Com o passar do tempo nos tornamos mais radicais em relação a desdisciplinarização e, em vez de designar como história da arte um dos componentes de aprendizagem da arte, ampliamos o espectro da experiência nomeando-a *contextualização*, a qual pode ser histórica, social, psicológica, antropológica, geográfica, ecológica, biológica etc., associando-se o pensamento não apenas a uma disciplina, mas a um vasto conjunto de saberes disciplinares ou não. (BARBOSA, 1998, p.37)

Na contextualização se estabelece relações globais e locais, do passado e do presente, através dos diversos elementos: ideológicos, comportamentais, sociais, políticos, históricos, culturais e outros. Podendo articular conhecimentos de outras áreas curriculares, não no sentido de afirmar a importância da disciplina, mas no sentido em que o conhecimento se elabora em diversas direções, em diferentes aspectos e dessa forma quanto maior for a amarração do assunto estudado e suas possibilidades, a interdisciplinaridade, mas amplo será as abordagens desse conhecimento e assim a aprendizagem. As instalações artísticas híbridas contemporâneas se apresentam como um exemplo dessa contextualização, em que há necessidade de um coletivo, da junção de diferentes especialistas das mais diversas áreas do conhecimento e/ou nacionalidades a fim de transformar a ideia em algo concreto, em uma experiência estética que possa abranger as mais diferentes faixa etárias, gêneros e localidades, dialogando com as informações adquiridas e ampliando o repertório artístico.

O fazer artístico ocorre na execução de um trabalho, tanto na idealização quanto na materialização do pensamento através de experimentações concretas, práticas e estéticas sobre o assunto abordado, no trabalho em “ateliê”. De acordo com Ana Mae Barbosa (1998, p. 39), “o erro mais grave é o de restringir o fazer artístico, parte integrante da triangulação, à releitura de obras.” Desta forma, a releitura pode ser utilizada como método prático, mas não somente ela, as produções devem estar de acordo com o objetivo pretendido e com as construções elaboradas (mentais ou físicas), como também ocorre em exercícios de observação, de criação, de memória. A produção tende a ser elaborada a partir de ressignificações construídas pelos alunos, refletindo seus posicionamentos individuais e a materialidade disponível, divergente ou não, pensa-se inteligentemente acerca da produção e sobre o produto final. Dessa forma pensar sobre a materialidade e os desafios para a elaboração e execução de uma instalação artística, feita por um artista do circuito cultural ou feita pelo próprio aluno, se apresenta como uma experiência sensível-cognitiva de aprendizagem.

É no momento da leitura de obras de arte que se estabelece uma relação entre as memórias e as experiências advindas da decodificação e compreensão da gramática visual, acrescidas com o julgamento da qualidade e a fruição, dessa forma, metaforizando essa relação, desenvolve novos saberes reelaborando seus significados. Como a ação é desenvolvida através do contato com a obra, permite expandir as experiências estéticas, ampliar a percepção, estabelecer conexões com suas vivências e desenvolver um olhar questionador e poético; podendo surgir até sensações contraditórias, que vão do prazer à repulsa, e quando presentes no grupo de alunos oferece ferramentas que dialogam o respeito e a diversidade.

No fruir, pelo envolvimento sensório-cognitivo com a Arte, são ativados movimentos de imaginação e de relações com a memória e com as marcas das vivências artísticas, que promovem a interligação entre o que ocorre no momento da fruição e as informações e os saberes aprendidos anteriormente. (PIMENTEL, 2017, p.311)

Sendo assim, é essencial valorizar esse contato com a obra, e para a realização das proposições didáticas/artísticas desenvolvidas nessa monografia, foi fundamental estar imerso nas instalações artísticas para a fruição das obras. De acordo com Ana Mae, oferecer contato com obras de arte e frequentar os espaços artísticos também faz parte da formação do estudante:

É importante enfatizar que os museus e centros culturais são uma contribuição insubstituível para amenizar a ideia de inacessibilidade do trabalho artístico e o sentimento de ignorância do visitante. Aqueles que não tem educação escolar tem medo de entrar no museu. Eles não se sentem suficientes conhecedores para penetrar nos “templos da cultura”. (BARBOSA, 1998, p. 19)

Usufruir obra de arte em locais próprios para a sua exposição, como museus e galerias, permite um contato único com a materialidade e o ambiente, permitindo a articulação de habilidades e uma conexão sensível/cognitiva de aprendizagem. Se tratando de Instalações Artísticas, sua fruição se intensifica através da imersão ou da vivência oferecida nesses espaços e emerge uma experiência única para cada agente, uma fruição que foge a apreciação retiniana pois exige o uso de outros sentidos e, às vezes, desperta outras sensações. Ao relacionar com a obra, suas memórias são ativadas e a partir dessas experiências se criam novas, sendo assim, de acordo com a idade, com a história de vida de cada um ou com a intensidade das emoções desprendidas na vivências, como: ansiedade, euforia, repulsa, tensão ou insegurança; conexões únicas de aprendizagem são desenvolvidas. Além de que inserir o aluno em contextos extraescolares, proporciona o desenvolvimento da autonomia e o desejo em vivenciar experiências artísticas e poéticas.

Estas três ações: o fazer, o ler⁶ e o contextualizar, podem ser desenvolvidas de acordo com a metodologia a ser elaborada pelo professor, sem sequência ou ênfase pré-estabelecida, oferecendo adequação ao tema, a realidade escolar e as intervenções, sugestões, mudanças e reflexões ao longo do processo de ensino/aprendizagem. Sendo assim, a abordagem triangular permeia estas minhas proposições metodológicas para o ensino/aprendizagem de Instalações Artísticas, onde as três ações estarão conectadas articulando o pensamento artístico em uma rede cognitiva de aprendizagem.

Outra abordagem contemporânea a Cognição Imaginativa, que delimita a arte como área do conhecimento autônoma, onde as expressões metafóricas que são

⁶ Vale ressaltar que, na presente monografia, o termo leitura da obra de arte será substituída pelo termo fruição, pois vale destacar que ao utilizarem as informações, a percepção e a imaginação, ocorre a elaboração de conexões mentais metafóricas de aprendizagem, refletindo a abordagem da cognição imaginativa, e não no foco da decodificação de uma gramática visual. Para saber mais ler: PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Metodologias do ensino de Artes Visuais. In: *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Vol.1. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2007, p. 24-37.

“formas de pensamento baseadas em conceitos da realidade”, segundo George Lakoff (1980); estão mais evidentes, em constante desenvolvimento através dos elementos característicos da arte: a imaginação e a estética. Estes conceitos são explorados, analisados, sentidos e percebidos através da mobilização do pensamento, assim, as percepções artísticas desenvolvem estas expressões metafóricas que configuram nosso conhecimento.

Ao explorar o papel da imaginação na cognição Arthur D. Efland (2005) discorre sobre a importância da memória simbólica, da categorização, das metáforas e da experiência para a construção de novos conhecimentos.

A memória simbólica, segundo Efland (2005), consiste em recordar um acontecimento, não apenas repetindo-o mas reconstruindo-o através de recordações e da imaginação. Como em uma instalação virtual, o agente sabe que não é real, mas a partir do momento que é inserido nessa realidade, experiências, ações e sensações norteiam escolhas em que sua memória simbólica não se distancia do que é real, elaborando conexões que ampliam ou modelam estas novas experiências, se tornando novamente em memória simbólica. Sendo dessa forma, um fato em que a memória e os sentidos/emoções ressignificam-o. E a partir de novas experiências se reconstrói, se adapta, se modifica, se acrescenta e ou se altera, como em uma rede que se amplia e não tem fim. E para organizar estes processos mentais Arthur D. Efland (2005) descreve a categorização:

Emergem do esforço da mente para organizar o que é dado pela percepção, no esforço de assegurar significado. Se não fosse a capacidade de categorizar, cedo nos tornaríamos “escravos do particular”. (EFLAND, 2005, p. 325)

A categorização permite organizar em grupos e por afinidades o que aprendemos, e não isoladamente. A categorização e a metáfora estão presentes no que Arthur Efland chama de imagens esquemáticas; e relata sobre o processo da projeção metafórica:

A projeção metafórica é o meio pelo qual o pensamento abstrato aparece. Isto é importante por que explica como o pensamento abstrato, na cognição humana, pode emergir de experiências corpóreas e sensoriais. (EFLAND, 2005, p. 336)

A metáfora e as inferências auxiliam o nosso pensamento, nosso raciocínio a compreender aquilo que não compreendemos completamente. Daí a importância de vivenciar experiências artísticas como as instalações, pois abstrai as

experiências físicas e/ou virtuais e faz ligações racionais a fim de compreendermos o que é parte, o que não recebe uma única categorização, o que aparentemente não tem ligação; como: os nossos sentimentos, nossas experiências estéticas, práticas morais e espirituais. Sendo assim, a cognição imaginativa acontece, segundo Efland (2005) da seguinte maneira:

Postulam um tipo de esquema que começa com imagens e experiências corpóreas adquiridas diretamente na percepção. Essas imagens e experiências fundamentam a categorização, a razão abstrata, as formas preposicionais e não-proposicionais de pensamento, a metáfora e a narrativa. O significado é incorporado diretamente aos sentidos adquiridos na experiência e não tem de esperar ações adicionais produzidas pela mente para compreender suas experiências. (EFLAND, 2005, p. 334-335)

Como na arte a imaginação, a metáfora e as inferências estão presentes de forma fulgente nas experiências e construções estéticas, a elaboração de uma metodologia de ensino/aprendizagem em arte com a abordagem da Cognição Imaginativa se torna fundamental para o desenvolvimento cognitivo de nossos alunos. Sobre a qualidade da experiência artística relata Lúcia Gouvêa:

O que distingue a experiência artística de outras experiências não é a metáfora por si só, mas a excelência dos níveis metafóricos de imaginação e seu vínculo com a estética. (PIMENTEL, 2008, p. 174)

Dessa forma as proposições pedagógicas para o ensino/aprendizagem de Instalações Artísticas foram elaboradas agregando a Metodologia Triangular e a Cognição Imaginativa. Pensando que ao fazer, contextualizar e fruir Instalações Artísticas as experiências sensoriais, corporais e estéticas, potencializam as projeções metafóricas de imaginação de nossos educandos e dessa forma, sua cognição.

2.1 - O uso de tecnologias contemporâneas

A arte educação cumpre o seu papel à medida que contribui para o desenvolvimento integral do educando. Ao articular experiência, percepção e imaginação as relações criadas permitem um pensamento crítico, reflexivo e perceptivo capaz de analisar o ambiente, suas relações e criar estratégias, se necessário, de modificar esse ambiente.

Entre as relações com o ambiente que nos cerca, nos deparamos com o uso de tecnologias e sua articulação com o conhecimento. As tecnologias contemporâneas se apresentam cada vez mais acessíveis e tangíveis a população e inserir os alunos neste processo possibilita preparar um apreciador agente e não passivo.

A tecnologia é um fenômeno amplamente inserido no cotidiano das pessoas e avança continuamente, incidindo no ambiente escolar e em todas as áreas da sociedade, o que implica no surgimento de novos modos de pensar e construir conhecimento. (LOYOLA, 2016, p. 32)

Dentre as linguagens artísticas em que articulamos e que se pode elaborar a partir das novas tecnologias destacam-se as Instalações Artísticas. As Instalações Artísticas permitem uma relação dinâmica com a obra de arte, podendo ocorrer no mesmo tempo e espaço, no mesmo tempo e espaços diferentes e em tempos e espaços distintos, rompendo com a simples contemplação do objeto artístico, proporcionando vivências que abarcam os sentidos, as experimentações, as análises e assim a cognição. Dentre as competências específicas de arte para o ensino fundamental estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular que abarca o ensino/aprendizagem desta expressão artística, destaca-se:

Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações. (BRASIL, 2018, p. 196)

Sendo assim ao elaborar proposições pedagógicas para o Ensino/Aprendizagem de Instalações Artísticas no Ensino Fundamental, Almejai fomentar vivências e situações significativas de aprendizagem no ambiente escolar, em que aquilo que não pode ser expresso em palavras é percebido na experiência e desta forma oferecer um olhar atento e sensível às obras contemporâneas, desenvolvendo habilidades e competências articulando teoria e prática.

As Instalações Artísticas tem fomentado uma nova forma de fruir arte que tem atraído o público e os espaços de exposição. Nos anos de 2017, 2018 e 2019, as exposições artísticas no Circuito Cultural da Praça da Liberdade em Belo Horizonte, proporcionaram à população um contato cada vez maior com esta expressão. Seja em exposições individuais ou coletivas, em festivais ou mesmo em seu acervo permanente, a imersão e a interação através de instalações artísticas e muitas

dentre elas híbridas, têm propiciado um diálogo sensível/cognitivo com o público contemporâneo. Dentre os espaços e exposições que abarcam esta expressão artística destacamos os que receberam nossos alunos e as exposições que estes frequentaram durante esse período:

- Memorial Minas Gerais Vale:

Caracterizado como museu de experiência, o memorial instiga o visitante a descobrir a história e os costumes mineiros do século XVIII ao momento atual. Nas 31 salas que compõem o espaço, a tecnologia é usada em conjunto com objetos e cenários tradicionais para criar um espaço rico e futurista. (VALE, 2018).

Nesse espaço os alunos interagiram em salas diversas, onde são divididas em diferentes períodos da história do estado de Minas Gerais. Encontramos desde pinturas rupestres à fotografias contemporâneas de Sebastião Salgado, e as mesmas proporcionam uma imersão específica para cada ambiente com recursos físicos e digitais diferenciados, ofertando um diálogo sobre aquele período histórico e o visitante contemporâneo através dos múltiplos sentidos.

- MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal:

Com concepção museográfica de Marcello Dantas e projeto arquitetônico de Paulo Mendes da Rocha e Pedro Mendes da Rocha, o MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal utiliza a tecnologia de forma lúdica e criativa para apresentar esse fascinante universo dos metais, dos minerais e seus componentes. Em 18 salas, estão instaladas 44 atrações sobre o tema. Onze instalações são dedicadas às principais minas do Estado. Elas ganham vida e são apresentadas por Dom Pedro II, sua esposa, a Imperatriz Teresa Cristina, o Barão de Eschewege, Xica da Silva e outros personagens históricos e fictícios. (METAL, 2019)

O ambiente explora a origem e as propriedades dos minerais através de ambientes interativos, que unem a tecnologia e a relação do corpo neste espaço de aprendizagem. Aos alunos são convidados a percorrer salas com luminosidades diferenciadas, recursos virtuais e jogos concretos sobre a composição dos metais/minerais, suas características físicas e sobre sua utilização nesse mundo contemporâneo.

- Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH):

Inaugurado em 27 de agosto de 2013, o Centro Cultural Banco do Brasil Belo Horizonte é resultado de uma parceria entre o Banco do Brasil e o Governo do Estado de Minas Gerais e integra o Circuito Liberdade, complexo dos mesmos antigos prédios da administração pública que se tornaram espaços de cultura, artes e lazer, em um

dos mais belos cartões postais da capital mineira. Está entre os dez museus mais visitados do Brasil, segundo o ranking do IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. (BRASIL, 2019)

O prédio do Centro Cultural do Banco do Brasil, trouxe para Belo Horizonte várias exposições temporárias, dentre elas destaque as seguintes:

2019 _ Paul Klee – Equilíbrio Instável

_ DreamWorks Animation: A Exposição — Uma Jornada do Esboço à Tela;

_ Jean-Michel Basquiat – Obras da coleção Mugrabi;

_ Ai Weiwei – Raiz;

2018 _ Dragão Floresta Abundante – a aventura de Christus Nóbrega na China;

_ FILE BELO HORIZONTE 2018 – a arte eletrônica na época DISRUPTIVA;

2017 _ Erwin Wurm – O corpo é a casa;

_ ENTRE NÓS – A figura humana no acervo do MASP.

Em todas as exposições citadas acima, os alunos se depararam com produções artísticas de qualidade e valor inestimável, e dentro das exposições tiveram contato com instalações artísticas, usufruindo através da imersão ou em vivências ofertadas pelo Programa Educativo do qual participaram em suas visitas guiadas.

· Casa Fiat de Cultura:

Em um cenário em que a cultura efervescia na capital, sob demanda crescente pelo consumo da arte, a Casa Fiat de Cultura se empenhou para que as pessoas tivessem, na maioria das vezes, o primeiro contato com movimentos marcantes e estruturadores da história da arte – desde a arte antiga do Império Romano, passando por movimentos como renascimento, barroco, expressionismo, surrealismo, futurismo, modernismo, concretismo, arte contemporânea até a arte digital –, de modo a traçar um percurso cuidadoso e formativo, no sentido de contribuir com o desenvolvimento humano e as políticas públicas. (CULTURA, 2019)

O espaço da Casa Fiat de Cultura, oferece várias exposições temporárias, destaque as seguintes exposições:

2019 _ Beleza em Movimento – Ícones do Design Italiano;

2018 _ Bienal de Arte Digital.

Nessas exposições foram criadas salas ou espaços que dialogavam com o fruidor através de Instalações Artísticas híbridas e muitas delas virtuais, através dos avanços de softwares e dos mais variados dispositivos de imagem possibilitaram uma imersão cada vez mais tecnológica aos alunos.

Ressalto que os estudantes também tiveram acesso a instalações artísticas nas exposições permanentes e temporárias do INHOTHIM – Instituto de Arte Contemporânea e Jardim Botânico em Brumadinho.

O Instituto Inhotim abriga um complexo museológico com uma série de pavilhões e galerias com obras de arte e esculturas expostas ao ar livre. O surgimento do Inhotim no cenário das instituições culturais brasileiras tem como marca, desde o início, a missão de criar um acervo artístico e de definir estratégias museológicas que possibilitem o acesso da comunidade aos bens culturais. Nesse sentido, trata-se de aproximar o público de um relevante conjunto de obras, produzidas por artistas de diferentes partes do mundo, refletindo de forma atual sobre as questões da contemporaneidade. (INHOTIM, 2019)

O Instituto INHOTIM em Brumadinho, oferece formação durante o ano aos professores e o agendamento para a visita guiada (como em outros museus), onde a visita direciona os estudantes à um dos circuitos escolhidos. Como o espaço é amplo, cria a possibilidade de diversos percursos (circuitos de exposição) em Arte Contemporânea e também de circuitos em paisagismo/ambientais.

O aluno, ao ter contato com obras artísticas e em locais de divulgação dessas produções, aumenta seu repertório imagético, reflete sobre seu conhecimento e sobre suas relações com esses meios, desenvolve sua sensibilidade e frui experiências significativas que consolidam sua cognição.

Esses espaços artísticos e de conhecimento tem ofertados Instalações Artísticas a um público diversificado, possibilitando o ingresso de pessoas das mais diversas classes, lugares, etnias, línguas e idades ao mundo da arte. Com esta disponibilidade de acesso, o contato e a reflexão sobre esta expressão se faz pertinente em proposições pedagógicas dentro de sala de aula.

Dentre as exposições visitadas, destaco o FILE – Festival Internacional de Linguagem Eletrônica, que teve como tema: A arte eletrônica na época DISRUPTIVA, em 2018, pela quantidade de alunos visitantes nesta exposição (80 alunos) e pela vivência artística significativa oferecida que articulou o processo e o embasamento das proposições didáticas elaboradas para o ensino/aprendizagem de Instalações Artísticas desenvolvidas na escola. Paula Perissinotto (2009) nos relata sobre o surgimento do FILE:

O file surgiu a partir da busca em dialogar com um mundo novo que se abria na época (1999), mais especificamente, a Internet. Enquanto produzíamos arte para a rede, concluímos que o

melhor espaço expositivo pra este tipo de arte era o próprio ciberespaço... Através de uma pesquisa minuciosa percebemos que naquele momento haviam várias manifestações estéticas produzidas para tal ambiente e que seria interessante criarmos uma mostra e um arquivo das primeiras expressões estéticas do séc. XXI. Inventamos o FILE. (PERISSINOTTO, 2009, p.25)

O FILE vem expondo à 20 anos expressões artísticas e estéticas que articulam a linguagem eletrônica, equipamentos multimídia e softwares que proporcionam imersões artísticas (virtuais e reais) ao público. Dentre as expressões podemos destacar: “instalações interativas, robótica, inteligência artificial, animação computadorizada, panoramas, filmes interativos, jogos eletrônicos, software arte, inovação, etc.” (PERISSINOTTO, 2009, p.26)

Dessa forma, o acesso à linguagem eletrônica em Instalações Artísticas híbridas foram o que meus alunos se depararam nesta exposição. E romper com a contemplação retiniana para uma fruição através da imersão foi natural, os mesmos se sentiram instigados a participar e de construir e reconstruir sua experiência; através de ações únicas, cada aluno, (re)elaborava, (re)significava e (re)construía seus conhecimentos estéticos, sensoriais, poéticos e imaginativos de aprendizagem, articulando arte, ciência e tecnologia.

As proposições artísticas elaboradas e relatadas a seguir, sobre Instalações Artísticas, articularam as imersões vivenciadas e as abordagens de ensino/aprendizagem em arte descritas: a metodologia triangular e a cognição imaginativa. Oferecendo uma experiência rica e prazerosa de estudo, elaboração e imersão em arte.

Capítulo 3 – PROPOSIÇÕES PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DE INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS

A reflexão sobre o processo de ensino/aprendizagem deve ser constante em nossa atuação. Dessa forma, pensar nos recursos, tempos, materiais e proposições didáticas é essencial para desenvolvermos competências e habilidades sensíveis/cognitivas em nossos alunos. Como relata Vicent Lanier (2008):

Vincent Lanier (2008) sugere que se adote concepções de currículos ou materiais que reflitam a natureza e estética próprias do aluno, que reflitam a sua cultura e propõe abordagens de temas como a cultura popular, o artesanato e o uso de tecnologias contemporâneas. Partindo do que o aluno já conhece, do que é comum para ele e do que ele aprecia em Arte, pode-se estimulá-lo a descobrir, a explorar e a experimentar. Nesse sentido, o ensino-aprendizagem em Arte ganha autonomia, amplia possibilidades de alargamento do campo do conhecimento e da qualidade das experiências. (LOYOLA, 2016, p.03).

O material didático-pedagógico deve se adequar às características da realidade da qual os alunos estão inseridos e estimular a pesquisa, a reflexão e a imaginação. Percebo que os materiais didáticos que provocam o interesse são aqueles que instigam o pensamento a agir de forma concreta, utilizando recursos plásticos e tecnológicos, além de explorar ambientes fora do espaço escolar. Um pensar e agir no seu cotidiano de forma significativa e prazerosa. Ponderando sobre a necessidade de realizar proposições que envolvam estas concepções e o dia-a-dia do estudante, proponho explorar as Instalações Artísticas Contemporâneas, a partir das relações com seu ambiente, os recursos disponíveis e as memórias dos envolvidos.

Ao elaborar proposições didáticas para o Ensino/Aprendizagem de Instalações Artísticas, essas tendem a ser claras e concisas. Onde a percepção da realidade, do ambiente e de suas relações seja explorado, apropriado e revisto através da utilização dos objetos naturais, industrializados e de consumo; permitindo uma relação com a obra e sua produção que amplie suas experiências estéticas/perceptivas e seu desenvolvimento cognitivo. Essas proposições visam trabalhar a percepção, o olhar para si e se reconhecer no ambiente em comum, a escola e seus espaços de convivência, de forma poética e sensível. Ao mover o olhar para este espaço, produzir reflexões acerca das memórias e indagar sobre

nossa forma de expressar e interagir, seja com o ambiente, com o outro, com o eu, com o real e/ou com o virtual; o aluno se assemelha a figura do flâneur a vagar pelo espaço de convivência escolar.

A figura do flâneur nos convida a desviar nosso olhar para um outro tempo, para o tempo da poesia, ato tão vital ao indivíduo. Seja no século XIX ou na atualidade do século XXI, em que se faz maior esta necessidade. Lançar um olhar atento sobre o mundo, sobre nós, sobre a vida. E também sobre a cidade, como símbolo destes universos. (URBIM, p.1082).

E a partir das observações poéticas, as proposições tendem a requerer pesquisas, resoluções de problemas, e articulação do pensamento artístico e estético a fim de que o aluno seja o autor, propositor e fruidor da obra. As proposições tendem a ser produzidas a partir da realidade da escola e dos materiais disponibilizados, sendo reais ou virtuais.

... a apropriação de tecnologias no ensino-aprendizagem em Arte não pressupõe trabalhar apenas com programas avançados de computador, dispositivos e equipamentos de última geração ou com teorias recém lançadas e ainda não muito discutidas. Pensar em tecnologias é pensar em novas formas de construção do conhecimento humano e é, antes de tudo, pensar no ser humano, que é quem está sempre por trás de todas as tecnologias, tanto na invenção quanto na apropriação e uso. (LOYOLA, 2016, p.2).

Neste caso, a tecnologia se fará presente na medida em que a técnica de produção e estudo seja utilizada de forma adequada e consciente, não apenas manuseando recursos midiáticos, mas todos aqueles recursos disponíveis enquanto materialidade para a concretização do pensamento artístico, refletindo e indagando também sobre este uso.

A proposta se destina a modalidade formal de ensino: a Educação Básica. Essa foi pensada e desenvolvida com os alunos dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal Raul Saraiva Ribeiro⁷, alunos de faixa etária entre 11 e 12 anos. Esta escola pública da rede municipal de Betim se localiza na Avenida Marechal Rondon, 251 no bairro Brasília em Betim, MG. É uma escola central, que está completando seus 50 anos de ensino, com uma área que comporta 19 salas de aula, auditório, biblioteca, quadra de esportes, refeitório, cantina, secretaria, sala dos professores, sala de supervisão e sala da direção, além de um espaço extenso com árvores, gramado e chão batido; porém não possui uma sala ambiente de arte.

⁷ A autorização para o uso do nome da instituição escolar se encontra em ANEXO A.

No primeiro turno a escola atende os alunos do 5º ao 9º ano e no segundo turno aos alunos do 1º ao 5º ano. O desenvolvimento da proposta ocorreu nos meses de fevereiro à maio de 2018, em 24 encontros, em que cada aula (encontro) possuiu a duração de 50 minutos sendo 2 vezes por semana em cada turma; em que o adolescente foi motivado a dialogar com as Instalações Artísticas, acessando, interagindo e manipulando esse espaço.

As proposições surgiram da necessidade de dar continuidade ao eixo trabalhado na Escola Municipal Raul Saraiva Ribeiro: Africanidades. E a escolha desse formato: instalação, se baseou na possibilidade de interferir no espaço escolar de forma autônoma e artística, além de propiciar diferentes formas de diálogo entre o sujeito e a obra, entre a obra e o espaço, entre o sujeito e as proposições, entre o sujeito e os outros sujeitos que influenciam e interferem também neste espaço. Onde ao percorrer vários espaços de aprendizagem, como: o espaço escolar em seus ambientes internos como salas de aula, biblioteca e sala de informática; seus ambientes externos como o espaço de convivência escolar: pátio, quadra, campinho e jardins; e os espaços de museus e galerias em Belo Horizonte as trocas de experiências fomentaram uma aprendizagem significativa em arte.

Ao explorar o ambiente escolar com um olhar poético e investigador ressignificamos esse espaço, o valorizamos e criamos proposições para sua permanência e adequações. Os alunos foram instigados a partir do mais próximo, real e concreto: sua escola; a perceber e relacionar com outras culturas, épocas, crenças e lugares (de matizes africana); ora distantes, ora próximos, tanto geograficamente quanto esteticamente. Através da experiência o aluno foi capaz de abstrair, metaforizar, significar, elaborar e refletir sobre sua própria expressão artística/estética.

Assim a proposta dialogou com as 3 ações da metodologia triangular a fim de consolidar um aprendizado significativo e articulando o pensamento imagético e metafórico presente na cognição imaginativa. Organizando as proposições pedagógicas/artísticas desta maneira, as Instalações Artísticas foram capazes de proporcionar, relacionar, vivenciar e inserir através de uma construção estética e poética aquilo que nem sempre conseguimos expressar através de palavras.

O objetivo geral das proposições foi: conhecer e utilizar a arte como imagem e representação estética, mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva sobre o reconhecimento de si próprio e do ambiente escolar; articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir Instalações Artísticas.

Através das proposições vários outros objetivos foram buscados e alcançados, como: Aguçar as percepções, desenvolver o raciocínio artístico e possibilitar conhecimentos indispensáveis para a formação humana. Experimentar e explorar as possibilidades da produção artística que permitem um olhar para si e se reconhecer no ambiente escolar. Experimentar e conhecer materiais, instrumentos e procedimentos artísticos diversos em arte de modo que os utilize nos trabalhos pessoais e coletivos. Identificar, investigar e organizar informações sobre Instalações Artísticas e de artistas que as utilizam, reconhecendo e compreendendo a variedade das produções e concepções estéticas presentes na história das diferentes épocas e culturas. Explorar e rever o espaço de convivência da escola. Desenvolver habilidades manuais na utilização de técnicas artísticas e de tecnologias contemporâneas. E elaborar Instalações Artísticas no ambiente escolar que representem o espaço, as pesquisas e as proposições refletidas de forma consciente.

As proposições abarcaram conteúdos que foram além das Instalações Artísticas, exploraram o ambiente escolar e as relações nesse; os elementos visuais presentes nas produções e obras estudadas como forma, cor, textura, bidimensional e tridimensional; algumas lendas da Mitologia Africana e o Sincretismo Religioso presentes em algumas obras e no nosso dia-a-dia. Potencializando momentos em que o eu, as memórias e as expressões individuais foram mobilizadas, e outros momentos em que o olhar se voltou para o que é público, para o trabalho em grupo e para a negociação e resolução de problemas coletivos. Explorando e vivenciando várias expressões artísticas a fim de se estabelecer conexões, estudos e propostas para a elaboração de nossas instalações artísticas. Dessa forma, os conteúdos explorados auxiliaram o pensar estético e sensível dos alunos, aguçando a percepção do espaço que os rodeia, neste caso, a escola e seus ambientes e ao se reconhecer como parte integrante e ativa deste espaço, acarretando mais responsabilidade e intimidade com o mesmo.

Para a realização dessas proposições foram utilizados recursos tecnológicos presentes no dia-a-dia escolar como: folhas das árvores, giz de cera, folhas de papel ofício, lápis grafite, objetos naturais ou manufaturados reutilizados, imagens impressas, computador, datashow, livro didático, lápis de cor, fitas de cetim, caneta permanente preta e barbante e recursos midiáticos inseridos na vida do estudantes como celulares e máquinas fotográficas.

No desenvolvimento da proposta houve a necessidade de contar com recursos financeiros para o transporte ao Centro Cultural do Banco do Brasil e com os recursos tecnológicos elaborados para criar experiências multissensoriais nas Instalações Artísticas presentes na FILE. Além destes recursos, contei com apoio, o consentimento, o auxílio e o incentivo da direção da escola, de outros professores, das bibliotecárias, dos agentes da limpeza, dos alunos e dos pais/responsáveis pelos alunos.

A partir dessa visita várias reflexões sobre a produção, a fruição e essa nova relação com o público contemporâneo esteve presente durante todo o projeto. Embora os alunos já tivessem vivenciado outras instalações artísticas, essas proporcionaram uma agência como protagonistas em jogos ou a imersão em realidades virtuais em que os diferentes sentidos foram estimulados. Algumas instalações instigavam a participação de todos, outras, apenas alguns alunos demonstraram abertos a estas novas experiências. Os alunos significaram termos como público, agente, coautor da obra, sensibilidade, emoção, técnica, tecnologia, real, virtual... que estiveram presentes durante todo o estudo de Instalações Artísticas.

3. 1 – O Processo de Ensino/Aprendizagem

Discurso agora sobre minha experiência com as proposições elaboradas. Iniciei através de conversas sobre a necessidade de se olhar para o espaço escolar e suas relações, a partir dessas conversas priorizamos o estudo do espaço natural da escola, o espaço externo e de convivência. A exploração desse espaço e as memórias dos estudantes determinaram a escolha, pelos mesmos, de uma árvore. Em grupo de 3 alunos escolheram uma árvore e registraram no caderno o motivo dessa escolha, foram instigados através de pesquisa de campo a identificar o nome

popular dessa espécie de árvore, e com as folhas caídas criaram um registro da mesma através da atividade de frotagem com giz de cera. Os alunos foram orientados a realizar todos os registros escritos em forma de portfólio, no próprio caderno de linha e os registros pictóricos e/ou gráficos no caderno de desenho, nesse dia foi entregue bilhete solicitando que os mesmos trouxessem na próxima aula celular ou máquina fotográfica.

Com equipamento de registro de imagem, celular ou máquina fotográfica, os alunos registraram a árvore escolhida anteriormente. Recolheram uma folha caída no chão e realizaram um desenho de observação desta. Aos poucos o olhar foi percebendo nuances, tonalidades e marcas que instigaram ou até mesmo dificultaram o registro tridimensional em um suporte bidimensional. Em casa foi solicitado que pesquisassem o nome científico e popular da árvore escolhida e algumas características como porte, origem, clima e outras. Em que todas as informações, anotações, trabalhos e imagens seriam necessários para próxima aula.

Em grupo elaboraram uma placa de informações sobre a árvore escolhida, de forma clara com as informações coletadas e com organização estética utilizando os trabalhos práticos (desenho de observação e frotagem) e imagens fotográficas. O cartaz (placa) pode ser finalizada em casa, para ser trazida na aula seguinte.

Os trabalhos dos alunos (cartazes) foram expostos em sala⁸ e os mesmos apresentaram suas características, expuseram suas dificuldades ao realizar o mesmo, e sua satisfação com o resultado adquirido. Como essa pesquisa e elaboração instigou os alunos e funcionários da escola, posteriormente os cartazes foram digitalizados para terem uma estética única e se transformarão em placas para as árvores da escola.

⁸ A autorização para o uso de imagens das instalações do prédio escolar se encontra em ANEXO B.

Imagem 4: Alguns cartazes produzidos pelos alunos



Fonte: Fotografia da autora

Imagem 5: Cartaz digitalizado: Abacateiro, que se tornará placa informativa da árvore da escola

NOME POPULAR: ABACATEIRO.

NOME CIENTÍFICO: *Persea americana*




ORIGEM: AMÉRICA CENTRAL.

BIOMA: COMUM EM TODO O BRASIL, PRINCIPALMENTE NO NORTE DO PAÍS.

TAMANHO: 7 A 20 METROS.

CLIMA: SUBTROPICAL E TROPICAL.

CARACTERÍSTICA: EXCELENTE NO COMBATE DE DORES DE CABEÇA, DORES REUMÁTICAS, DIARRÉIAS.

ALUNOS: HELENA MOREIRA, ARTHUR MIGUEL E PEDRO LUIZ – 6ªA

Fonte: Fotografia da autora

Como já havíamos agendado a visita ao CCBB-BH para participar do FILE BELO HORIZONTE 2018 – a arte eletrônica na época DISRUPTIVA. Conversamos sobre algumas características de Instalações Artísticas e com equipamento de datashow foi apresentado slides com algumas obras, artistas e a contextualização histórica/artística das mesmas. Na aula seguinte fomos ao CCBB-BH para participar do FILE BELO HORIZONTE 2018 – a arte eletrônica na época DISRUPTIVA.

Imagem 6: Vivência na obra: The Physical Mind do artista holandês Teun Vonk



Fonte: Fotografia da autora

Imagem 7: Experimentando a obra: Simulacra da artista alemã Karina Smigla-Bobinski



Fonte: Material de divulgação em redes sociais da escola (Facebook)

Imagem 8: Imersão na obra: Be Boy Be Girl dos artistas holandeses Frederik Duerinck & Marleine van der Werf



Fonte: Material de divulgação em redes sociais da escola (Facebook)

Imagem 9: Imersão na obra: Swing dos artistas alemães Christin Marczinik & Thi Binh Minh Nguyen



Fonte: Material de divulgação em redes sociais da escola (Facebook)

Essa exposição marcou a todos, através de múltiplos sentidos fomos instigados a participar das obras e interagir de forma lúdica e poética com as Instalações Artísticas, obras de arte contemporânea, que se apropriaram da

tecnologia e dos recursos virtuais para produzirem obras híbridas que dialogaram com o público e possibilitaram o surgimento de novas memórias, que metaforizaram suas experiências e assim elaboraram novas aprendizagens significativas. Sendo assim, na aula seguinte o assunto foi a exposição e através do folder disponibilizado conversamos sobre algumas instalações, suas características e sua fruição. Os alunos realizaram um relato no caderno sobre essa vivência e os alunos que não foram registraram informações sobre algumas instalações que estavam no folder.

Na aula seguinte foi realizada a leitura da Lenda Africana: Baobá e conversamos sobre a importância dessa árvore na cultura e história africana. Os alunos foram instigados a refletir e registrar sobre o que é o esquecimento e a relevância da história pessoal, cultural e das memórias.⁹

Com auxílio do computador e do datashow, apresentei aos alunos a instalação *Baobá*, de Sandi Hilal, Alessandro Petti e Contrafilé exposta na 31ª Bienal de São Paulo.¹⁰ E os mesmos realizaram um registro escrito do questionamento: Quais as características de uma instalação? Que histórias você teria para guardar às futuras gerações?

Durante 3 aulas realizamos o estudo da Unidade 3: Povos Artesãos: Capítulo 1: Sementes, Tema 2: As sementes da cultura afrodescendente, do livro didático do 6º ano. Realizamos a leitura e conversas sobre Sincretismo Religioso e Miscigenação.¹¹ Pesquisamos e refletimos sobre as obras de Mestre Didi, Rubem Valentim e Rosana Paulino.

A partir do estudo realizado, elaboramos e construímos Cajados, Bastões ou Tóteis com o tema Africanidades, utilizando os conhecimentos adquiridos, as ressignificações dos alunos e os materiais disponíveis na escola/casa. Foram realizados inicialmente croquis e após a escolha dos materiais os mesmos foram produzidos e finalizados em casa.

Os alunos apresentaram seus Cajados, Bastões ou Tóteis aos colegas de sala.

⁹SANCHES, Letícia. *Baobá a Arvore da Vida*. Disponível em: <<http://educandoesemeando.blogspot.com/p/historia-do-baoba.html>>. Acesso em 04/06/2018.

¹⁰LOBATO, Vivian. Ao Som do Tambor. IN. 31ª Bienal. *Como ler coisas que não existem*. Post 19.11.2014. Disponível em: <<http://www.31bienal.org.br/pt/post/1953>>. Acesso em 04/06/2018. / Histórias ao Pé do Baobá. IN. 31ª Bienal. *Como ler coisas que não existem*. Post 13.10.2014. Disponível em: <<http://www.31bienal.org.br/pt/post/1953>>. Acesso em 04/06/2018.

¹¹FERRARI, Solange dos Santos Utuari. DIMARCH, Bruno Fischer. FERRARI, pascoal Fernando. KATER, Carlos Elias. *Por Toda Parte*, 6º ano. 1 ed., São Paulo: FTD, 2015. pag. 174 - 185.

Imagem 10: Imagens de Cajados, Bastões ou Tóteis criados pelos alunos



Fonte: Fotografias da autora

Posteriormente foi realizado uma exposição dos cajados na escola, elaborando uma instalação sugerida pela professora: onde foi realizado um retângulo no chão batido do campinho, fincado os bastões na terra e coberto o chão com serragem. Conversamos sobre a instalação e suas relações com o espaço e sensações ao caminhar por este.

Conversamos sobre o título do capítulo presente no livro: Sementes do Pensamento e a partir desse tema os alunos produziram um desenho com grafite e cor.

Posteriormente realizamos a leitura do texto: Como surgiu a fitinha do Senhor do Bonfim? E conversamos sobre a ressignificação de objetos em contextos dessacralizados.¹² Os alunos criaram um croqui de um objeto em que as fitinhas do Senhor do Bonfim estejam ressignificadas.

Realizamos a leitura do texto e projeção do vídeo sobre Rivane Neuenschwander.¹³ Conversamos sobre as propostas plásticas da artista, os principais pontos do vídeo e sua relação com o texto anterior.

¹² SILVA, Matheus Pinheiro de Oliveira e. Como surgiu a Fitinha do Senhor do Bonfim? In Routes Move, Learn e Enjoy. Disponível em: <<http://inroutes.com/fita-do-senhor-do-bonfim/>>. Acesso em 05/06/2018.

¹³ NEUENSHWANDER, Rivane. Rivane Neuenschwander em Miami. Arquivo da Tag: Instalação com fitas do Bonfim. Art Scoop, 19/07/2011. Disponível em: <<https://itsartscoop.wordpress.com/tag/instalacao-com-fitas-do-bonfim/>>. Acesso em 05/06/2018. MODIANO, Alessandra. Rivane Neuenschwander. DasArtes 10. 10/06/2010. Disponível em: <http://dasartes.com/materias/rivane-neuenschwander/>. Acesso em 05/06/2018. E Vídeos disponíveis nos endereços: Curta Artes: Rivane Neuenschwander (Parte I). SescTV. Publicado em 27 de jan. de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4XuyIgvnIHE>>. Acesso em 05/06/2018. Curta Artes: Rivane Neuenschwander (Parte II). SescTV. Publicado em 27 de jan. de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yLvOlr_O5-E>. Acesso em 05/06/2018.

Conversamos sobre a instalação: “Eu Desejo o Seu Desejo” de Rivane Neuenschwander. Os alunos ressignificaram a obra e pensaram em uma frase sobre um desejo a ser exposto e que ficasse para a prosperidade. Elaboraram uma releitura da instalação com fitas com esses dizeres através de croqui e explicação.

Foram expostas as sugestões de instalações elaboradas pelos alunos e conversamos sobre as possibilidades das mesmas. Em fitas de cetim de diversas cores e com caneta preta permanente, os alunos produziram uma fita com o desejo ressignificado.

Conversamos também sobre as diferenças entre land art, instalação e intervenção. A fim de exemplificar os mesmos, foram entregues diversos folders de exposições, obras de arte e galerias onde os alunos foram levados a identificar nestes as expressões artísticas das instalações e expor suas observações.

Finalizando as proposições didáticas, os alunos foram instigados a elaborar uma intervenção artística no espaço de convivência escolar, na árvore mais pesquisada pelos alunos no início do projeto. A proposta de Instalação Artística escolhida pelos alunos foi uma sugestão dos próprios, em que houve uma eleição para a escolha e foi definida da seguinte forma: Enrolar um barbante ao redor da árvore (tronco e galhos mais baixos) e neste barbante foram amarradas as fitas com os desejo dos alunos. Dessa forma, os alunos montaram uma Instalação Artística e interagiram com a obra efêmera.

Imagem 11: Interação dos alunos na Instalação Artística Eu desejo o seu desejo



Fonte: Fotografia da autora

Imagem 12: Instalação Artística: Eu desejo o seu desejo



Fonte: Fotografia da autora

Imagem 13: Interação dos alunos na Instalação Artística Eu desejo o seu desejo



Fonte: Fotografia da autora

Outro ponto a ser relatado, foi que as proposições não foram pontuais e somente sobre Instalações Artísticas, o desenvolvimento dessas proposições didáticas/artísticas ofereceram momentos onde o bidimensional e o tridimensional foram explorados em outras expressões artísticas. Dessa forma, auxiliaram o pensar estético e sensível dos alunos, aguçando a percepção do espaço que os rodeia, nesse caso, a escola e seus ambientes. Fruíram arte através do sentir, do ver, do ouvir e do interagir tanto com técnicas artísticas tridimensionais, quanto no bidimensional.

Enfim, essa experiência artística/estética/pedagógica se tornou de grande valia possibilitando uma organização do pensamento, de atitudes e de conceitos artísticos de forma ativa e autônoma no espaço escolar. Experiências que marcaram nossa memória e possibilitaram e articularam com propostas futuras.

A avaliação dessas proposições se deram de forma formativa e processual. Durante todo o processo, através do pensar, elaborar, produzir, adaptar, explorar, sentir e por meio da observação e do registro dos retornos dos alunos com relação às experiências sensíveis, significativas e do desenvolvimento de um olhar curioso, estético e perceptivo acerca da arte, que envolve o fazer, o pensar e o refletir individualmente e em grupo.

O registro do pensamento e os textos estudados foram organizados em forma de portfólio, a maioria das criações (objetos artísticos ou croquis) foram expostas em sala de aula e no espaço escolar, e houve momentos de aferição de conceitos estudados e reflexões sobre situações-problemas através de atividades escritas avaliativas. Dessa forma, esses registros se tornam importantes para apreciação e produções futuras, além de materializar e reconhecer o próprio percurso. As experiências significativas foram transformadas em conhecimento sensível/cognitivo e permitiram uma reflexão sobre o que nos cerca de forma poética e humanizada, proporcionando ressignificar, e quando necessário, modificar o nosso entorno.

CONCLUSÃO

Selecionar, definir e refletir sobre nossas proposições artísticas nos fazem perceber o quanto estas são registros, muitas vezes até instintivamente, do que somos, do que fomos e do que buscamos ser. O olhar deriva, vagueia por além dos registros imagéticos. São lembranças, perspectivas e expectativas que surgem, se tornam visíveis.

O ato de narrar o vivido carrega a essencialidade do poder de as pessoas se reconhecerem como sujeitos de suas próprias histórias, atribuindo sentido aos diferentes itinerários percorridos. Ao comporem narrativas sobre a vida vivida, coloca-se em posição de escuta, olham para muitas direções, dentro e fora de si, reportando-se ao que foram, ao que são, ao que desejam ser; ao que fizeram, ao que fazem, ao que projetam fazer. (OSTETTO; BERNARDES, 2015, p.164)

Dessa forma, refletir sobre as proposições didáticas/artísticas para o ensino/aprendizagem de Instalações Artísticas elaboradas e descritas nessa monografia, resgatam e instigam práticas significativas que se tornaram agentes da Arte na vida de muitos alunos e na minha também.

Reviver o processo e registrá-lo permite fazer sua releitura e às vezes, acompanhado de um saudosismo dos momentos únicos e poéticos. Foi um exercício marcante que me instigou, de forma sensível ao reconhecimento da beleza nos objetos, espaços e ações que nos rodeiam. Dessa forma, tentar definir o desenvolvimento desse trabalho em palavras e imagens se tornou uma narrativa profissional em que me percebi como agente reflexiva de minhas ações, e estas me direcionaram a outras ações posteriores.

As Instalações Artísticas são expressões contemporâneas que dialogam com o espaço, com os objetos (recursos materiais) e com o fruidor, despertando uma agência que mobiliza vários sentidos através de ações corporais, cinéticas, visuais e sonoras, propiciando uma imersão que envolve uma participação livre e experiências únicas para cada indivíduo. Ao desenvolver no primeiro capítulo sua conceitualização e parte de seu percurso histórico atrelado às mudanças contemporâneas foi possível perceber através das obras de Lygia Pape, Nam June Paik e de Fernando Fogliano, Rosangela Leote, Milton Sogabe e Renato Hildebrand (Grupo SCIArts2005) e Edson Zampronha, as múltiplas possibilidades de

materialização e de proposições que podem ser ofertadas ao público, desde a inserção a obras reais (físicas), a obras virtuais e também híbridas.

Ao discorrer no segundo capítulo sobre a agência do conteúdo de arte na construção de conhecimento através da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, que intercalam 3 ações que mobilizam o pensamento através da contextualização, do fazer artístico e a leitura de obras de arte (fruição) e da abordagem da Cognição Imaginativa de Arthur D. Efland, em que através da mobilização do pensamento, a imaginação e a memória, ambas acionadas pela variedade e amplitude do mundo artístico expandem seu repertório, suas metaforizações e dessa forma agem na construção de uma aprendizagem significativa a partir das experiências. Ao articular essas abordagens com as exposições contemporâneas, no caso, a exposição geradora: o FILE – Festival Internacional de Linguagem Eletrônica, essas premissas favoreceram o desenvolvimento sensível-cognitivo do educando através do Ensino/aprendizagem de Instalações Artísticas.

O relato sobre as proposições didáticas/artísticas desenvolvidas na escola em que leciono se tornaram exemplo dessas teorias sobre o ensino/aprendizagem em arte e da conceitualização de Instalações Artísticas através de ações e práticas que mobilizaram o pensamento e desenvolveram o conhecimento artístico. A partir dos recursos disponíveis na época, da exposição visitada, da exploração do ambiente escolar e do tema interdisciplinar gerador foi possível por meio de imersões e experiências bidimensionais e tridimensionais articular o conhecimento e explorar a expressão artística das Instalações, desenvolvendo um olhar sensível, crítico e poético sobre as mesmas e das relações com o entorno escolar.

A partir dessa experiência venho desenvolvendo outras propostas pedagógicas voltadas às Instalações Artísticas e ao diálogo poético com o ambiente escolar. Como o estudo e expressividade do nome e de seu grafismo; o estudo bidimensional/tridimensional de grafismos e de texturas do ambiente através da frotagem em papel ou em argila; a modelagem de fragmentos desse espaço escolar; o estudo de outros artistas que desenvolvem propostas artísticas tanto em artes gráficas, quanto em escultura, quanto em instalações; a visita à outros espaços e à novas exposições artísticas; a elaboração de um livro de artista com imagens poéticas (fotografias digitais) do espaço escolar, que já foram expostas na FLIR -

Feira Literária do Raul e atualmente estamos elaborando uma Instalação Digital com as mesmas fotografias.

Enfim, espero contribuir com minhas ponderações e proposições sobre o Ensino/Aprendizagem de Instalações Artísticas e assim para a divulgação e o registro do professor/pesquisador, em que nesta medida possa auxiliar na elaboração de novas possibilidades e proposições, como aconteceu comigo mesmo, a fim de fomentar uma prática docente poética e sensível, mas ao mesmo tempo embasada em conceitos sólidos e reflexivos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC*. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 13/09/2019.
- BRASIL. CENTRO CULTURAL BANCO DO. *A História*. 2019. Disponível em: <<http://culturabancodobrasil.com.br/portal/belo-horizonte/>>. Acesso em: 03/11/2019.
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos e Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, jan/fev/mar/abr 2002, n.19, p.20-28. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=isso. Acesso em: 28/08/2018.
- CARVALHO, Humberto Farias Carvalho. Uma Metodologia de Conservação e Restauro para a Arte Contemporânea. In: FREIRE, Cristina (Org). *Arte Contemporânea, preservar o quê?* São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da universidade de São Paulo, 2015.
- CULTURA, CASA FIAT DE. *A Casa FIAT de Cultura*. 2019. Disponível em: <http://www.casafiat.com.br/?page_id=31>. Acesso em 03/11/2019.
- EFLAND, Arthur D. Imaginação na cognição: o propósito da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 318-345.
- FERRARI, Solange dos Santos Utuari. DIMARCH, Bruno Fischer. FERRARI, pascoal Fernando. KATER, Carlos Elias. *Por Toda Parte, 6º ano*. 1 ed., São Paulo: FTD, 2015.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. T., FUSARI, Maria F. Rezende. *Metodologia do Ensino da Arte: fundamentos e proposições*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- GRAU, Oliver. *Arte virtual: da ilusão à imersão*. São Paulo: Editora UNESP: Editora Senac São Paulo, 2007.
- INHOTIM, INSTITUTO. *Arte Contemporânea*. 2019. Disponível em: <<http://inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/>>. Acesso em: 03/11/2019.
- LOBATO, Vivian. Ao Som do Tambor. IN: 31ª Bienal. *Como ler coisas que não existem*. Post 19.11.2014. Disponível em: <<http://www.31bienal.org.br/pt/post/1953>>. Acesso em 04/06/2018.
- LONDON, Barbara. Video-fish 1979-1992. IN: New media Encyclopedia. Disponível em: <<https://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.newmedia-art.org/cgi-bin/show-oeu.asp%3FID%3D150000000011747%26lg%3DGBR&prev=search>>. Acesso em: 08/09/2019.
- LOYOLA, Geraldo Freire. Reflexões sobre materiais didático-pedagógicos para Arte. In: _____. *Professor-artista-professor: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2016 (Tese de Doutorado em Artes, Escola de Belas Artes). Disponível em: <<http://migre.me/wa0GO>>. Acesso em 08/05/ 2018.
- MATOS, Lúcia Almeida. Exposição e Acesso como estratégia de Conservação. In: FREIRE, Cristina (Org). *Arte Contemporânea, preservar o quê?* São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da universidade de São Paulo, 2015.

- MARTINS, Mirian Celeste. *Entrevistas: a inquietude de professores propositores*. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação. V. 31 - n. 02, p. 227-240, 2006. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>>. Acesso em 08/05/2018.
- METAL, MMGERDAU – MUSEU DAS MINAS E DO. *Museografia*. Belo Horizonte. 2019. Disponível em: <<http://www.mmgerdau.org.br/sobre-o-museu/>>. Acesso em: 03/11/2019.
- MODIANO, Alessandra. *Rivane Neuenschwander*. DasArtes 10. 10/06/2010. Disponível em: <<http://dasartes.com/materias/rivane-neuenschwander/>>. Acesso em 05/06/2018.
- NEUENSHWANDER, Rivane. *Rivane Neuenschwander em Miami*. Arquivo da Tag: Instalação com fitas do Bonfim. Art Scoop, 19/07/2011. Disponível em: <<https://itsartscoop.wordpress.com/tag/instalacao-com-fitas-do-bonfim/>>. Acesso em 05/06/2018.
- NICOLIELO, Bruna. *O templo de Lygia Pape #Ensaio1nfini0*. Blog do Inhotim. 27 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.inhotim.org.br/blog/o-templo-de-lygia-pape/>>. Acesso em:08/09/2019.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda; BERNARDES, Rosvita Kolb. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. In: *Pro-Posições*, v.26, n.1, p.161- 178, jan./abr. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-730720150001&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 02/11/2018.
- PERISSIMOTO, Paula. Concepções artísticas/curatoriais: experiências no FILE e EMOÇÃO ART.FICIAL. In: SANTOS, Francielle Filipini dos (Org). *Arte Contemporânea em diálogo com as Mídias Digitais: concepção artística/curatorial e crítica*. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti, 2009.
- PERISSINOTTO, Paula. Concepções Artísticas/Curatoriais: Experiências no FILE e Emoção ART.FICIAL. IN: SANTOS, Franciele Filipini (org.). *Arte Contemporânea em diálogo com as Mídias Digitais: concepção artística/curatorial e crítica*. Santa Maria: Gráfica editora Pallotti, 2009.
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte*. 307 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 307-316, maio/ago. 2017. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/gearte>>. Acesso em 18/10/2018
- _____. *Arte e tecnologia da Imagem*. Memorial apresentado ao Departamento de Artes Plásticas como requisito parcial para inscrição ao concurso de professor titular. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2008.
- _____. Metodologias do ensino de Artes Visuais. In: *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Vol.1. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2007, p. 24-37.
- _____. O ensino de arte e sua pesquisa. In: *Concepções Contemporâneas da Arte*. 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006, v. 1, p. 310-317.
- _____. Novas Territorialidades e Identidades Culturais: O Ensino de Arte e as Tecnologias Contemporâneas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 20., 2011, Rio de Janeiro. *Anais do Encontro...*Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. p. 765-771. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/lucia_gouvea_pimentel.pdf>. Acesso em: 20/05/2019.
- _____. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. *Ouvir ou ver*, Uberlândia, v.11, n.1, p.88-98, Jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707>>. Acesso em: 23/08/2018.
- ROSA, Nereide S. Santa. *Retratos da Arte: História da Arte*. São Paulo: Leya, 2012. p. 338

SOGABE, Milton. O Espaço da Instalações: objeto, imagem e público. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 17., 2008, Florianópolis. *Anais do Encontro...* Florianópolis: ANPAP, 2008. p. 1984-1993. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/180.pdf>>. Acesso em: 20/05/2019.

_____. et al. Atrator Poético: interface entre Arte, Ciência e Tecnologia. *Revista artciencia.com*, agosto-outubro, 2006. Disponível em: <http://www.sciarts.org.br/curso/textos/atrator_artciencia.pdf>. Acesso em 08/09/2019.

SANCHES, Letícia. *Baobá a Arvore da Vida*. Disponível em: <<http://educandoesemeando.blogspot.com/p/historia-do-baoba.html>>. Acesso em 04/06/2018.

SILVA, Matheus Pinheiro de Oliveira e. *Como surgiu a Fitinha do Senhor do Bonfim?* In Routes Move, Learn e Enjoy. Disponível em: <<http://inroutes.com/fita-do-senhor-do-bonfim/>>. Acesso em 05/06/2018.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografias*. Lê Livros. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Sobre-fotografia-Susan-Sontag.pdf>>. Acesso em 30/11/2019.

URBIM (FURG), Luciana Pastorini. *Um olhar flâneur sobre a cidade literária em "Satolep"*. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-3970198-8/Trabalhos/60.pdf>>. Acesso em 10/06/2018.

VALE, MEMORIAL MINAS GERAIS. *Guia de Visitação*. Belo Horizonte. 2018

WANNER, Maria Celeste de Almeida. et al. Território Híbrido: Experiência Artística e Pesquisa em Artes. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 19., 2010, Bahia. *Anais do Encontro...* Bahia: ANPAP, 2010. p.1528-1541. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpa/maria_celeste_de_almeida_wanner.pdf>. Acesso em: 20/05/2019.

ANEXO A – Autorização para o uso do nome da instituição de ensino

ESCOLA MUNICIPAL RAUL SARAIVA RIBEIRO
DIREÇÃO: Juliana Silva Martins / Juliana Carolina de Melo Carvalho

2019

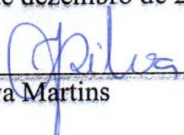
AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Em nome da Escola Municipal Raul Saraiva Ribeiro, situada à Av. Marechal Rondon, 251, Bairro Brasiléia, Betim, MG, autorizamos Vânia Parreiras Rezende Alves, RG: MG8139843, CPF: 05051147631 a utilizar o nome da Instituição em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.

Vânia Parreiras Rezende Alves se compromete a não autorizar para terceiros a utilização do nome da Instituição deste contrato, bem como a utilizá-las exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.


Vânia Parreiras Rezende Alves se compromete, ainda, a usar o nome da Instituição de forma a não ferir sua reputação.

Betim, 19 de dezembro de 2019.



Juliana Silva Martins
Diretora
Escola Municipal Raul Saraiva

De acordo



Vânia Parreiras Rezende Alves

Escola Municipal "Raul Saraiva Ribeiro"
Ensino Fundamental - Anos Iniciais e Finais
Autorização de Funcionamento: Port. SEE Nº 111/80
Reconhecimento: Port. SEE Nº 466/83 - INEP: 31011380
Av. Marechal Rondon, nº 251
Bairro: Brasiléia - CEP. 32600-298
Betim - MG - Fone: (31) 3531-2719

ANEXO B – Autorização para o uso de imagens das instalações do prédio escolar



ESCOLA MUNICIPAL RAUL SARAIVA RIBEIRO
DIREÇÃO: Juliana Silva Martins / Juliana Carolina de Melo Carvalho

2019

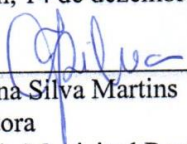
AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Em nome da Escola Municipal Raul Saraiva Ribeiro, situada à Av. Marechal Rondon, 251, Bairro Brasília, Betim, MG, autorizamos Vânia Parreiras Rezende Alves, RG: MG8139843, CPF: 05051147631 a utilizar as imagens das instalações do prédio escolar, em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.

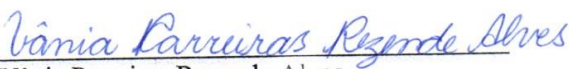
Vânia Parreiras Rezende Alves se compromete a não autorizar para terceiros a utilização da imagem deste contrato, bem como a utilizá-las exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.

Vânia Parreiras Rezende Alves se compromete, ainda, a usar as imagens de forma a não denegrir a imagem da instituição.

Betim, 14 de dezembro de 2019.


Juliana S. Martins
Diretora Escolar - Aut. 046/2018
SEMED - Betim - MG
Diretora
Escola Municipal Raul Saraiva

De acordo


Vânia Parreiras Rezende Alves

